

SOBRE CADEIRAS E CLAREIRAS **uma leitura sobre a domesticação em Regras para o** **parque humano de Peter Sloterdijk - parte II**

Fernando de Freitas Fuão¹

Resumo

Este artigo é uma análise do livro Regras para o parque humano de Peter Sloterdijk; entretanto o texto se desdobra e se focaliza também sobre a importância das cadeiras e também do sentido de clareira (lichtung) de Heidegger e Sloterdijk como formas da domesticação humana. Correlaciona o conteúdo de Regras para o parque humano com a arquitetura e a cidade; crítica o processo de colonização e o humanismo, apontando a importância de uma descolonização.

Palavras-chave: Regras para o parque humano, domesticação, arquitetura e domesticação, cadeiras, clareiras, moradores de rua.

ABOUT CHAIRS AND CLEARINGS **A Reading About Peter Sloterdijk's Rules** **for Taming the Human Park - Part I**

Abstract

This article is an analysis of Peter Sloterdijk's Rules for the Human Park; however the text unfolds and also focuses on the importance of chairs and also on Heidegger and Sloterdijk's sense of clearing (lichtung) as forms of human domestication. Correlates the content of Rules for the human park with architecture and the city; criticizes the colonization process and humanism, pointing out the importance of a descolonization. Keywords: Rules for the human park, domestication, architecture and domestication, chairs, clearign, homeless.

¹ Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS). Pós Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia-UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis (2011-12). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela Escuela Técnica Superior de Arquitectura de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese Arquitectura como Collage.

No outono de 1946 no momento mais miserável da crise europeia do pós-guerra, Heidegger escreve seu celebre artigo sobre o humanismo, um texto que também se poderia entender como uma carta, já que se tratava de uma carta resposta a uma carta pergunta 'se poderia haver ainda um sentido na palavra humanismo', formulada por um aluno francês, Jean Beaufret em Paris, um estrangeiro para Heidegger, um amigo em potencial a distância, mas dentro de um momento muito delicado para Heidegger. Com essa carta resposta Heidegger inauguraria um pensamento trans humanista ou pós-humanista, no qual se tem movido desde então uma parte essencial da reflexão filosófica sobre o ser humano e o humanismo. Não me irei adentrar muito nas questões filosóficas contidas nessa carta e procurarei me escamotear da amplitude do tema para me fixar em algumas ponderações de Sloterdijk sobre Heidegger e a carta. Os três principais remédios na crise europeia de 1945, de acordo com Sloterdijk foram o cristianismo, marxismo, e o existencialismo, que são caracterizados lado a lado, para ele, como variantes do humanismo que só diferem entre si na estrutura superficial: mais precisamente, como três modos de evitar a radicalidade última da questão sobre a essência do ser humano.

Segundo Sloterdijk,

Heidegger deixa expostas consequências abaladoras: o humanismo em suas formas antiga, cristã e iluminista é declarado responsável por uma interrupção de dois mil anos no pensamento; é censurado por ter obstruído o processo, com suas interpretações apressadas e, aparentemente evidentes e indiscutíveis da essência do ser humano, o surgimento da genuína questão do ser humano².

Para Sloterdijk; "a questão sobre a essência do ser humano não entra no rumo certo até que nos afastemos da mais velha, mais obstinada e mais perniciosa das práticas da metafísica europeia: definir o ser humano como um animal racional, animal rationale³". Nessa interpretação da essência do homem, comenta Sloterdijk, esse continua a ser entendido como um *animalitas expandido por adições espirituais*; justamente é contra isso que Heidegger vai se revoltar; pois para ele a essência do ser humano não pode jamais ser expressa em uma perspectiva zoológica ou biológica, como a teoria do evolucionismo. Para Heidegger a diferença entre o homem e o animal é que não existe uma diferença de gênero ou de espécie, mas uma diferença ontológica, razão pela qual o primeiro não pode ser concebido sob nenhuma circunstância como um animal com algum acréscimo cultural ou metafísico (alma, espírito).

Em Heidegger, explica Sloterdijk, há uma radical separação entre o animal e o homem, uma separação fundamental, inexplicável, uma fissura, uma iluminação, um abismo que só poderá ser explicado pela linguagem. Para Heidegger é pela fala e pelo pensar o homem se faz homem. Ao explicar esse acontecimento, Heidegger tomara como modelo a clareira, provavelmente retirado de sua vivência em sua cabana e de seus passeios pela floresta de Toddnenguer, na Selva Negra na Alemanha. Heidegger, de certa forma, tomava como conhecimento a fala da natureza que lhe mostrava o caminho do pensar. A clareira, a iluminação (Lichtung) se apresentava como a diferença, diferença que se abria dentro da floresta como disjunção, como espaço existencial e ôntico⁴.

² Sloterdijk, p. 24.

³ Op cit.; p. 24-25.

⁴ Deve-se ter em mente que esse conceito de clareira em Heidegger é mais amplo e profundo do que aqui se apresenta, mas podemos metaforicamente também explicar a clareira como: um oásis no deserto, ou uma ilha no oceano, ou até simplesmente como uma janela na parede, a clareira é como o inusitado, a diferença. Nesse sentido Sloterdijk sugere que as janelas seriam a clareira da parede,

Para Heidegger, grosso modo, o homem se faz homem, o ser se faz ser através da linguagem; a linguagem é antes de nada a casa do ser, ao morar nela o ser humano existe, e existe na medida que compartilha a verdade do ser (errando) guardando-a. Para Heidegger o ser humano é o próprio pastor do ser. Enfim, como diz Sloterdijk, Heidegger fala da tarefa do ser humano, e essa tarefa é: *guardar o ser*, e corresponder ao ser. Para Sloterdijk porém há algo de profundamente insatisfatório e pouco convincente no conceito de clareira (lichtung) de Heidegger: “a história da clareira deveria revelá-la não como o lugar da escuta respeitosa, mas ser antecedida pelo lugar da disputa e pelo conflito dos que nela ocuparão as posições de decisão⁵.”



Figura 01: Clareira-shabono. Collage Fernando Fuão. 2019. Entre novembro de 1976 e maio de 1977, Juan Downey conviveu com as comunidades Yanomami de Bishassi e Tayeri e, desde a sua chegada ao território indígena, mergulhou na estrutura social dos shabonos. Shabono é a palavra que designa fenda, abertura ou clareira na selva; seu contorno é traçado em função da estrutura familiar das partes integrantes. A parte central da área constitui a praça da povoação, e, próximo ao seu limite, ergue-se uma estrutura ininterrupta feita de troncos de árvores e folhas de palmeiras com um imenso telhado de uma só água, que é o espaço doméstico, o espaço da vida social, dos ritos e dos exercícios xamanísticos. Segundo o antropólogo Jacques Lizot, o shabono é um microcosmo em que se produz a exata convergência das ordens cosmológica, religiosa e social dos Yanomami. Para Downey, ele é, além disso, um exemplo perfeito de arquitetura invisível, leve, flexível, econômica; uma arquitetura interdependente das forças naturais; um organismo com os poderes do universo, que alimenta a natureza da mesma forma que é alimentado por ela. Fonte da informação: <http://app.31bienal.org.br/pt/single/1196>. Fonte: Collage de Fernando Fuão, 2019.

Em outras palavras a clareira, a casa do seres –seja linguagem, mistério ou lugar mesmo- para Heidegger é algo deslumbrante, maravilhoso, inusitado, uma iluminação quase divina. Mas Heidegger não enfatizou como bem aponta Sloterdijk que essa mesma luz, esse mesmo espaço, reinterando é e será também em simultaneidade o lugar do conflito e das disputas. E que tanto linguagem e a cidade são clareiras,

através da qual os seres humanos começaram a teorizar.

⁵ Op cit.; p. 37. Para Sloterdijk, referindo-se a Heidegger e da responsabilidade que Heidegger coloca no dasein, do homem ser responsável pelo próprio homem em sua existência: “É certo que o homem não guarda o ser como o doente guarda o leite, mas sim como um pastor que guarda seu rebanho na clareira, com a importante diferença de que aqui, em vez de um rebanho de animais, é o mundo que deve ser serenamente percebido como circunstância aberta e mais ainda, que essa guarda não constitui uma tarefa de vigilância livremente escolhida no interesse próprio, mas que é o próprio ser que emprega homens como guardiães. O local em que esse emprego é válido é a clareira (lichtung), ou o lugar onde o ser surge como aquilo que é” Op. cit.; p.27.

ambas também são *cercados* (rings) de luta, parques humanos. A ideia de clareira enquanto aparecimento da linguagem não está somente determinada por essa linguagem, mas também em simultaneidade pela casa, pelo oikos, o domus, onde previamente já se adestravam, moldavam as pessoas para viver em seu interior. Para Sloterdijk antes da clareira, antes da linguagem ser a *casa do ser*, os homens já construíam suas casas e moldavam-se a si mesmos para habitarem essas casas.

Sloterdijk faz uma interpretação muito clara e sucinta dessas questões para chegar ao tema que aqui nos interessa, como núcleo mesmo da domesticação, a ideia de clareira em Heidegger, a ideia de clareira como espaço da domesticação. Esse conceito de clareira pode ser entendido de muitos modos, desde o mais simples como a clareira na floresta, a aldeia indígena que se estabelece na clareira da floresta ao abrir a mata para o assentamento da taba, por outro lado o aspecto nefasto da abertura de gigantescas clareiras devastando florestas para explorar a terra. Essa mesma clareira desde o ponto de vista topológico geográfico também pode ser entendida e compara à uma ilha, uma insulae, um lago, um oásis. E aqui deveremos já de antemão ultrapassar as referências imagéticas da clareira na natureza, que nos ajudam a entender figurativamente a clareira, para adentrarmos também na ideia da casa como clareira, a cidade como clareira, as megalopólis como gigantescas clareiras.



Figura 02: Parque Indígena do Xingú. Fonte: Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=parque+ind%C3%ADgena+do+xingu&safe=off&sa=X&hl=pt-BR&biw=1231&bih=687&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=thJsWsL_7wP2tM%253A%252Ch2q7M4E0I72f0M%252C_&vet=1&usg=AI4_-kSaCk5P9F-DKXuKrRLpzRR0GrF0ZA&ved=2ahUKEwiCq4nJrrfjAhWeGLkGHTKpCFsQ9QEWA3oECAMQCA#imgsrc=thJsWsL_7wP2tM.

Figura 03: Dança ritual indígena o círculo humano se configurando também como clareira. Disponível em: https://www.google.com.br/search?safe=off&hl=pt-BR&q=aldeias+indigenas&tbm=isch&tbs=simg:CAQSkwEJeXyoAckTSDMahwELEKjU2AQaAAwLELCmpwgaYgpgCAMSKlcW5R3mHYKvKxXOFIkW5x38FOgdkT_1-Pqk5ySvVK_1o-

A ideia da clareira também sugere a questão acidental da diferença na desconstrução, a clareira se abre na floresta como diferenciação, da luz na escuridão, como uma ausência da floresta; a clareira é sempre guardada pela floresta, cercada, protegida. A clareira é acolhida pela floresta; mais que acolhida por sua circularidade, ela se mostra como um espaço diferenciado que é guardado e produzido pela própria floresta, a clareira de certa forma designa a floresta, ela paradoxalmente também pode ser vista como uma pequena penumbra, uma pequena escuridão dentro de uma claridade. A clareira é sempre a diferença dentro da regularidade, o estriado dentro do liso, aquilo que pode brotar inesperadamente dentro da escuridão. Como

esclarece Enilton Braga:

Heidegger denomina clareira a abertura fundamental necessária para a entrada da luz que faz o aparecer acontecer. O acontecimento. A clareira, por sua vez, repousa em uma dimensão de abertura e liberdade que, eventualmente, pode se clarear. Na clareira do aberto ocorre o jogo de tensões entre o claro e a sombra. Clareira, é a substantivação do verbo “clarear”. Em alemão, o adjetivo “claro”, licht, significa o mesmo que leicht. Licht, assim como no inglês light, pode significar tanto luz quanto leve, de leveza, livre e aberto. O termo Lichtung considera a floresta em um ponto aberto, livre de árvores em um determinado lugar, gerando a clareira, configurando uma abertura. A luz pode efetivamente, incidir na clareira em sua dimensão aberta, suscitando aí o jogo entre o claro e o escuro. A clareira, aberta, livre, contrasta com a floresta, cerrada, obstruída⁶.

Enfim, talvez o derradeiro sentido atual da clareira não esteja mais na floresta, mas na cidade inevitavelmente, ou pelo menos assim se entende a clareira moderna: a cidade como clareira onde vive o ser moderno, a gigantesca abertura sempre em processo de expansão que os homens criaram na natureza para ali viver. Mas, paradoxalmente, a cidade ao se tornar clareira disseminada vira também floresta, selva de pedra, os humanos parecem uma espécie de micose sobre a superfície da terra por onde vivem vão pavimentando tudo; dentro dela se criam outras clareiras mas agora totalmente inversas como as praças e parques, os pátios e os jardins internos.

O processo de formação de um campo é distinto do processo de formação de uma clareira. O *campo* admite campos dentro de campos, mas uma clareira enquanto (luz) não pode existir dentro de outra clareira simplesmente porque não existe diferenciação; a clareira só surge da relação oposição, de um ocultamento que se abre iluminando, ou de uma iluminação que cerra, iluminando. Em outras palavras, para que surja uma clareira dentro de uma clareira é necessário algo análogo ao surgimento de um lago dentro de uma ilha, de um oásis em um deserto, ou de um uma pequena clareira dentro de um pequeno bosque que está dentro de uma clareira, e assim sucessivamente. A iluminação, a clareira (lichtung) em Heidegger, significa tanto o descobrimento como o encobrimento, não enquanto dois acontecimentos distintos e reunidos por uma simples ordem sucessiva, mas como um e o mesmo *acontecimento*.

Restaria perguntar se essas formas de apresentação das novas clareiras são realmente clareiras em seu sentido de existência? Se essas iluminações de naturezas domesticadas, cercadas pela selva de pedra são lugares do comum onde as pessoas fazem sua existência, e sobretudo se ainda se conectam com o ascendente. A clareira em Heidegger não tem só essa relação óbvia horizontal geográfica, mas a clareira para ele - como bem podia observar a noite no campo - tinha seu sentido vertical ascendente de comunicação com o céu, com os deuses.

Para Sloterdijk o que dá a Heidegger a certeza de ter aprendido e sobrepujado o humanismo, com essa mudança de rumo é a circunstância de que ele inclui o

⁶ Aí essencialmente mora a diferença entre clareira (Lichtung) e claro (licht). O claro precede a clareira, mas nunca a gera. A clareira não é apenas livre para a clareira e a sombra, mas também para a voz que resoa e para o eco que se perde, para tudo que soa e ressoa e morre na distância. A clareira é o aberto para tudo que se apresenta e ausenta. A clareira designa a livre dimensão do aberto (BRAGA, Enilton, op.cit; p. 134).

ser humano –concebido como clareira do ser– em uma domesticação e em um estabelecimento de amizade, que vão mais fundo do que jamais poderiam alcançar qualquer desembrutecimento humanista, e qualquer amor cultivado pelos textos que falam de amor. Consequentemente Heidegger coloca toda a responsabilidade da existência no próprio homem. Segundo Sloterdijk, Heidegger ao definir os seres humanos como pastores e vizinhos do ser, e ao chamar a linguagem de *casa do ser*, ele vincula o homem também a um confinamento, ele o expõe a uma conscientização que requer uma imobilidade, uma certa espera, um certo aguardar e guardar. Para Heidegger o humanismo nacionalista do século XIX levou a duas grandes conflagrações europeias que dizimaram a Europa e encerraram a civilização ocidental. Revelar essa consequência parece ter sido a tese central de Heidegger na Carta sobre o Humanismo. Então, Sloterdijk se reporta ao que disse Heidegger, “para que buscar ainda um humanismo, se o humanismo levou apenas a essa luta pela tomada pelo poder sobre todos os seres em uma cega manifestação do antropocentrismo e do europocentrismo”⁷.

De qualquer forma a Carta sobre o humanismo é um texto difícil e até certo ponto hermético, até para muitos estudiosos. Mas o que Heidegger quer dizer também é que não existiria o ‘ser’, objeto da ontologia por si, mas um desdobramento e esse ser já seria um vizinho de outro ser em comunidade. Para Heidegger essa convivência, em outras palavras não é e nunca será conseguida através do humanismo. Como diz Sloterdijk *A carta sobre o humanismo* de Heidegger coloca algumas interrogações vitais como:

O que ainda hoje pode domesticar o homem, se até hoje seus esforços de automoderação levaram, em grande parte, precisamente a uma tomada do poder sobre todo ser? O que pode domesticar o homem, se até aqui em todas as experiências de educação da espécie humana não ficou muito claro para quem ou em benefício de quem educam os educadores?⁸

A permanência humana na clareira – em termos heideggerianos-, o ficar dentro ou estar preso-dentro na clareira do ser não é de nenhuma maneira uma relação ontológica primitiva que não possa ser reavaliada ou revista. Para Sloterdijk existe:

uma história ignorada por Heidegger que é a saída dos seres humanos para a clareira, de como ele chega a clareira, ou de como ele se faz clareira: uma história social da tangibilidade do ser humano pela questão do ser. Deve-se falar não só de um ser no mundo dasein, de um animal aberto, moldável, de um ser como clareira, mas também falar de uma ‘história social das domesticações’, uma história pelas quais os homens originalmente se experimentam como aqueles seres que se reúnem para corresponder ao todo⁹.

Sloterdijk insiste no aprofundamento necessário que Heidegger se omitiu ao estabelecer o homem como clareira para diferencia-lo dos demais animais, de como o animal sapiens se tornou homo sapiens; deveria-se falar então do processo de hominização. Para Sloterdijk “o ser humano poderia até mesmo ser definido como a criatura que fracassou em seu ser animal e em seu permanecer-animal. Ao fracassar como animal, esse ser indeterminado tomba para fora de seu ambiente e com isso ganha o mundo em seu sentido ontológico”¹⁰.

⁷ Sloterdijk, op. cit.; p.32

⁸ Op. cit.; p.32.

⁹ Op. cit.; p.33

¹⁰ Op. cit.; p.34.

Resumindo até aqui, em *Regras para o Humano*, Sloterdijk nos mostra que a domesticação é o tema oculto do humanismo, e esse grande projeto do humanismo não teria sido realizado sem a respectiva domesticação dos homens sobre os próprios homens. E como ele aponta, essa domesticação é bem anterior ao humanismo. Estabelece-se no momento em que os homens criam suas casas e arrastam para dentro de seu domínio os animais, dominando-os, adestrando-os. Sloterdijk aponta a abertura da casa, a janela como o primeiro grande elemento domesticador, o clarão dentro da casa; aproveitando-se do conceito de clareira de Heidegger, Sloterdijk afirmará ainda que ao contemplar a vida pela abertura, pela linguagem, pela janela o homem começaria aí o que se entende por *teoria*.

Curiosamente a língua portuguesa ainda guarda o segredo existente entre duas palavras: clareira e lareira, o lar, o fogo sagrado dos deuses lares que desde sempre queimava no centro da aldeia, exatamente aquilo que sempre reuniu os homens em torno dela. onde há fogo há clareira, onde há luz pode haver uma clareira. Devemos lembrar que esse fogo nunca foi um mero fogo, sempre foi um fogo sagrado, e podemos pensar nele tal como Coulanges apontou como fundação mesmo da casa, da terra e da propriedade privada; ou ainda também como o mesmo fogo que os povos primitivos nômades carregavam para qualquer lugar onde iam juntamente com seus antepassados.

A fogueira na escuridão da noite é a própria clareira. Tanto a fogueira como a lareira são clareiras, nessa luz da noite também aconteceu a domesticação humana. De qualquer forma, hoje em dia as luzes das fogueiras ainda ardem em grande quantidade quando observamos do espaço as imensas clareiras humanas que se tornaram nossas cidades, ou mesmo como queima arde a chama interminável de uma televisão, de um monitor ou celular.

Entretanto, para Sloterdijk há uma ressalva:

A história da clareira não pode ser caracterizada somente pela



Figura 04: A fogueira como clareira. Disponível em: <https://caylus.org.au/youthprogramshttps://caylus.org.au/youthprograms>.

entrada do homem na casa da linguagem. Já que os homens dotados de linguagem vivem juntos em grupos maiores, e não só habitam as casas linguísticas, como também as casas construídas por suas próprias mãos, e assim caem no campo da força sedentária. Daí em diante, não serão albergados só pela força da de sua linguagem, mas também domesticados por suas casas. Na clareira se erguem – como marcas estranhas- as casas dos homens (em companhia das casas dos deuses e dos palácios dos senhores). Os historiadores da cultura trouxeram a luz que junto com a entrada no sedentarismo a relação entre os homens e os animais se esboçou também um novo modo. Com a domesticação do homem por meio da casa começaria a epopeia dos animais domésticos, cuja ligação com a casa dos homens não é outra coisa senão o adestramento e a criação (cultivo)¹¹.

Em suma, o que Peter Sloterdijk procura mostrar ao analisar *A carta sobre o humanismo* e o conceito de clareira, é que a ideia de clareira deve ser vista muita mais, talvez, pelo aspecto da domesticação, do lugar de como os seres exercem seu poder sobre os outros, de um cercamento, de uma esfera onde se inventa modos de vidas e modos de seres, do que o lugar do nascimento do ser enquanto linguagem proposto por Heidegger.

Para Sloterdijk, a relação entre os homens e seus animais domésticos constitui-se numa história monstruosa de coabitação entre eles, e nunca foi devidamente desenvolvida e hoje nem mesmo os filósofos saberiam encontrar a tessitura essa história. Embora trabalhos recentes como *O animal que logo sou*, e *A Besta e o Soberano* de Jacques Derrida, ou os estudos de Tim Ingold sobre a domesticação dos animais tragam uma grande contribuição a essa relação existente entre os homens e os animais.

Segundo Sloterdijk somente em poucos lugares e momentos se rasgou o velo do



Figura 05.: Falsas clareiras. <https://www.vanityfair.com/branded/article/vfr/six-unexpected-binge-worthy-tv-shows>.

11 Op.; cit., p.35.

silêncio que guardam os filósofos sobre o tema da casa e da cidade como lugar da domesticação, o homem e o animal como complexo biopolítico.

Disso tudo se pode desprender minimamente a existência de conexão entre a vida do lar e a formação teórica; onde podemos ver a teoria como uma espécie de trabalho, ou melhor ainda: de um ócio doméstico, do lar. A própria definição de teoria em sua origem, a antiga teoria não era outra coisa que o próprio contemplar através da janela –se tratava em primeiro lugar de assunto de contemplação –, enquanto que na modernidade –desde que o saber se converteu em poder- ela tomou decididamente um caráter laboral¹².

Não só isso, mas também os passeios a pé, nos quais movimento e reflexão se fundem, são derivados da vida doméstica. As mal afamadas caminhadas meditativas de Heidegger pelos campos e bosques não deixam de ser movimentos típicos que tem uma casa por detrás¹³.

Não somente a janela, mas a praça e o parque, a escola, a Universidade, o pátio interno, também a tela da televisão, a tela de cinema, a tela do monitor ou celular podem se apresentar como clareiras, ou falsas clareiras.

Segundo Heidegger a ocultação não é a antítese de uma consciência, de um esclarecimento, ela pertence mesma a clareira, uma não existe sem a outra. A clareira, claro, só existe graças a sua ocultação escondida dentro da floresta. O que faz a clareira não é só seu aspecto de iluminação, de abertura, ela não vive sem o seu complemento: a floresta negra e densa que a guarda e a observa acolhendo. O problema é quando a clareira deixa de esconder-se, ocultar-se de tão grande como as cidades, quando já não há floresta nem mata para cercá-la, protegê-la ela acaba virando deserto. Heidegger ao analisar o sentido da clareira nos mostrava uma outra relação contida na língua alemã, para ele o *dasein* é um ser aberto, como uma clareira (*lichtung*), uma imagem, entretanto que não teria nada a ver com a luz (*licht*), mas sim que essa relação viria da palavra (*Leicht*) que quer dizer leve, tornar-se livre. Na língua portuguesa a clareira não nos dá essa relação direta, etimologicamente, com a liberdade ou leveza, mas como vimos antes se relaciona sim diretamente ao lar, ao larear, clarear, a lareira, os deuses lares. O lar é o lugar da segurança para a cultura ocidental, o lugar onde se guardam, protegem e escondem os seres, justamente o lugar onde se fez as primeiras domas e adestramento dos animais e seres, e os membros da própria família.

A clareira assim apresenta-se até os dias de hoje tal qual a cidade, mais visivelmente nas grandes cidades como o lugar da liberdade para onde muitos que se sentem oprimidos em lugares menores se dirigem para ela; mas ao chegar nela se esquecem que a clareira é o lugar também da captura mesmo e domesticação desses novos residentes; o lugar onde se estabelecem as regras para habitar o parque humano. A clareira se dá também na dobra do velar-se e do desvelar-se. A clareira é a dobra da floresta que se fecha para guardar o lugar do acolhimento. A clareira se abre na mata assim como o recinto, como a sala se abre dentro de suas paredes enquanto lugar de existência; com a diferença que a clareira implica luz, e o espaço criado entre paredes é escuro, ocultamento que se contrapõe a luz da clareira. Mas é abertura da porta e ou da janela, a abertura do pátio interno é o que vem a clarear o interior

12 Op. cit.; p. 37.

13 Op. cit.; p. 37.

transformar o inabitável em casa, a janela. A clareira é sempre o lugar da relação do céu, ela se abre para o superior reunindo, Heidegger trabalhara brilhantemente esse tema em Poeticamente o homem habita, e *O céu e a terra de Holderlin*.

Talvez, poderíamos pensar em última instância, se o conceito de clareira não seria mais uma seqüela do iluminismo que iria afetar também a Heidegger, e de todo pensar e concretizar o humano baseado na metáfora das luzes e da distância. E mais, se talvez também não deveríamos pensar que essa iluminação é o que aprisiona e agarra o ser a luz como um inseto que se vê orbitando em torno da luz ou da fogueira até sua morte. Há uma luz que nos cega desde o iluminismo, o humanismo que não permite ver nossa situação dita humana; uma luz sutil encobre nossa condição pré-humana, de animal: às vezes na forma de macaco, às vezes de cavalo, ou até mesmo de um miserável inseto. Eis o inseto e sua condição tão similares ao humano, sua propriedade, eis o homem e seu outro símil; exatamente aquele inseto vulgar que se vê atraído pelas luzes e que tolamente se dirigia a elas sem saber que morrerá por isso. O inseto ignora, e se dirige numa fatalidade irremediável, como se fosse de sua própria natureza banhar-se na luz até afogar-se de prazer. Mais do que um simples *seducco*, a luz, às vezes, parece ser a sedução suprema. A sedução da luz não é somente irradiar e evidenciar os corpos com seu brilho, mas a luz, sobretudo atrai e faz tudo gravitar em torno dela como satélites, como esferas, como insetos, como a gente. Essa gravitação, ou essa gravidade em outras palavras pode ser compreendida também como um movimento, uma aceleração provocada por essa gravitação para quem vive em torno das luzes, uma lei. Assim o tempo nas cidades se acelera, não se sabe bem o porquê dessa aceleração, mas a luz que dela irradia cada vez mais contribui para a aceleração. O homem do campo conhece essa diferença. Os seres das grandes cidades são em tudo apressados, nervosos, rápidos¹⁴.

Poderíamos pensar que a domesticação não seria o oposto dessa liberdade proporcionado pela clareira, mas sim ela pertence ao próprio conceito de clareira, liberdade, segurança e aprisionamento simultaneamente indissociavelmente. Basta recordar que se colocam os animais como vacas e cavalos dentro da clareira para se alimentarem, ela é a sua vez de iluminação, liberdade porque não há obstáculos e os riscos diminuem, mas também a clareira é cercamento, uma limitação que limita a própria visão de mundo de deixar de ver além. A liberdade da clareira sempre é uma liberdade, ironicamente, do *campo* no sentido de Agamben, do cercamento. O lugar do doméstico, o lugar do ritual.

Para Heidegger o ser humano como coisa absoluta não existe, o *dasein* o ser aqui e agora se produz, se constrói, se reinventa num processo permanente sem tréguas; modelando, domesticando dentro da clareira da linguagem. A clareira heideggeriana também pode ser comparada a Aurora de Nietzsche, o despertar da vontade da potência, nesse sentido a clareira também se apresenta como vontade de poder sobre os demais. Sloterdijk pergunta como pode ser pensado ainda um ser no mundo (*dasein*) ainda humano, na época em que o mundo deixou de ser um projeto do homem? O conceito de clareira heideggeriano num primeiro momento mostra apenas um aspecto, o aspecto inofensivo da domesticação, da domesticação via linguagem, ou da linguagem como despertar do ser, ou em outras palavras Heidegger por assim dizer fala de uma *boa domesticação*. Mas a clareira não é só isso, ela é também o campo de batalha, lugar de decisão e seleção (*selektion*), como propõe Sloterdijk, ao ponto de se converter num parque humano¹⁵.

14 Fuão, F. Luzes na cidade, notas sobre o ensaio *O que são essas luzes* de Rodrigo Lages e Silva.

15 Sloterdijk, op. cit.; p. 37.

Diz Sloterdijk:

Aonde há casas, aí deve ser decidido o que ocorrerá com as pessoas que ali habitam, no que se tornarão os homens que as habitam [...] Decide-se de fato e por atos, por projetos, que tipo de construtores de casas chegarão ao poder. Com isso também podemos pensar, e Sloterdijk nos faz pensar assim, quem é que realmente constrói nossas casas? Além da questão meramente construtiva ou projetual, ou de uma execução ou de um projeto? Falamos então de uma outra dimensão do construir (obrar), falamos de uma casa como *modus vivendi*, de uma vivenda; fala-se portanto de toda uma sociedade que dita seu comportamento através desses mecanismos inibidores e desinibidores dentro da clareira. Nesse sentido esta *Habitar, construir e pensar* de Heidegger¹⁶.

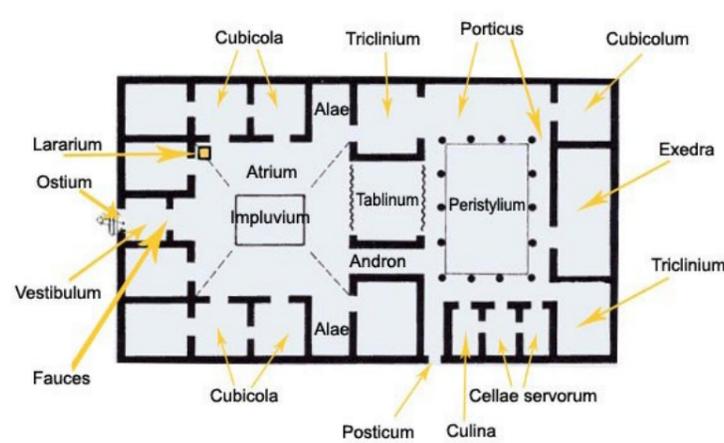


Figura 06: Planta baixa de uma casa romana, domus, onde pode-se observar os dois pátios internos como clareiras. A casa romana possuía mais aberturas ao cosmos do que portas ou janelas para fora, para a rua. Na planta se percebe as duas clareiras pátios internos: a clareira do impluvium que fazia o recolhimento das águas do compluvium; e a clareira do peristylum, que corresponde a uma representação da floresta mesmo, onde as colunas representavam as árvores, e em alguns casos havia a piscina em algumas casas. Disponível em: <http://historiadaarte.pbworks.com/w/page/18413936/Villae%20e%20Domus>.

Figura 07: Vista do pátio interno, peristylum, da casa romana, Casa delle Nozze d'Argento em Pompéia. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/65973181@N05/9195091449>.

A clareira manifesta-se também e principalmente como portas ascendentes, aberturas para o alto, para o céu, para o cosmos, tal qual como as aberturas da casa antiga romana, a *domus*, onde a abertura para a água da chuva, o *impluvium*, recebia as águas celestiais, coletadas no *compluvium*. E já não nos pareceria estranho que não só a praça e o parque se assemelhem a clareiras ou as janelas tecnológicas, os monitores e telas de celulares que absorvem tudo, mas também como bem apontou Sloterdijk ao citar também como espécie de clareira o antigo teatro e anfiteatro grego; o anfiteatro grego como mecanismos desinibidores da barbárie, e assim incluiríamos –de certa forma– também na atualidade os estádios, ginásios, as arenas na categoria dessas antigas mídias.

A clareira sempre estabelece o campo, abre um campo cercado simultaneamente de algum modo, mas nem todos os campos são clareiras, e nem todos os campos são campos de luta. O processo de formação de um campo é distinto do processo de formação de uma clareira. O *campo* admite campos dentro de campos, partições

dentro de partições, mas uma clareira enquanto (luz) não pode existir dentro de outra clareira, pois ela só surge da relação ocultamento, iluminação ou de abertura e com fechamento. Para que surja uma clareira dentro de uma clareira é necessário algo análogo ao surgimento de um lago dentro de uma ilha, de um oásis em um deserto, ou de uma pequena clareira dentro de um pequeno bosque que está dentro de uma clareira, e assim sucessivamente. Ou seja, para que aconteça a clareira é preciso uma oposição em derredor, uma diferença, a clareira pode ser também entendida como a diferença da diferença.

A clareira parece ser indivisível enquanto iluminação. Sutilmente Sloterdijk nos faz ver a cidade como uma grande e interminável clareira que se expande indefinidamente. Ao retirar de Heidegger a ideia da clareira como o lugar do surgimento da linguagem, da boa domesticação Sloterdijk vai complementar dizendo que, não é só isso, mas que a clareira é antes de nada e principalmente o lugar da decisão e das lutas, o lugar da criação de novos homens e das construções de suas casas.

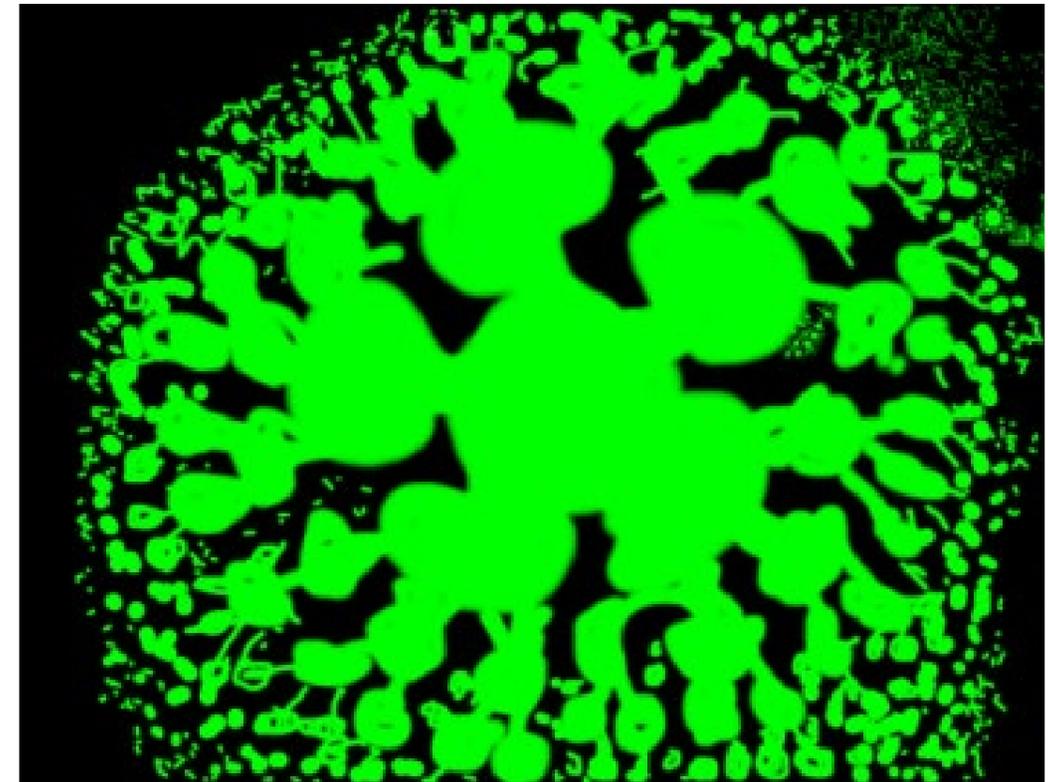


Figura 08: Diagrama das clareiras. Fonte: Desenho de Fernando Fuão. 2012.

Outro filósofo que Sloterdijk recorre para estudar a domesticação em *Regras para o Parque humano* é Nietzsche. Para Sloterdijk, Nietzsche foi o grande crítico da domesticação, e destaca uma passagem em *A virtude apequenadora* contida em *Assim falou Zaratustra* em que o personagem contempla as pequenas casas dos homens, perguntando-se sobre quem pode morar nelas:

Nenhuma grande alma, com certeza e lamenta: Tudo ficou menor, em todos os lugares, vejo portões mais baixos: quem é do meu porte provavelmente ainda consegue passar, mas terá que se curvar, segue-se, então, a caracterização dos novos homens como pequenos grãos de areia, redondos, corretos e bons uns com os outros, que querem apenas que ninguém lhes faça mal: A virtude é, para eles, aquilo que torna modesto e domesticado; com ela fazem do lobo um cão, e dos homens, os melhores animais domésticos

¹⁶ Op. cit.; p. 37.

para os homens¹⁷.

Sloterdijk vê nessa passagem não só uma crítica a domesticação, mas sim também a ideia da autêntica *criação*, de um cultivo, de uma terrível *ura*, de práticas de seleção; de criadores que moldam, formatam os seres humanos como seres pacíficos e inócuos, para que não apresentem perigo uns para os outros.

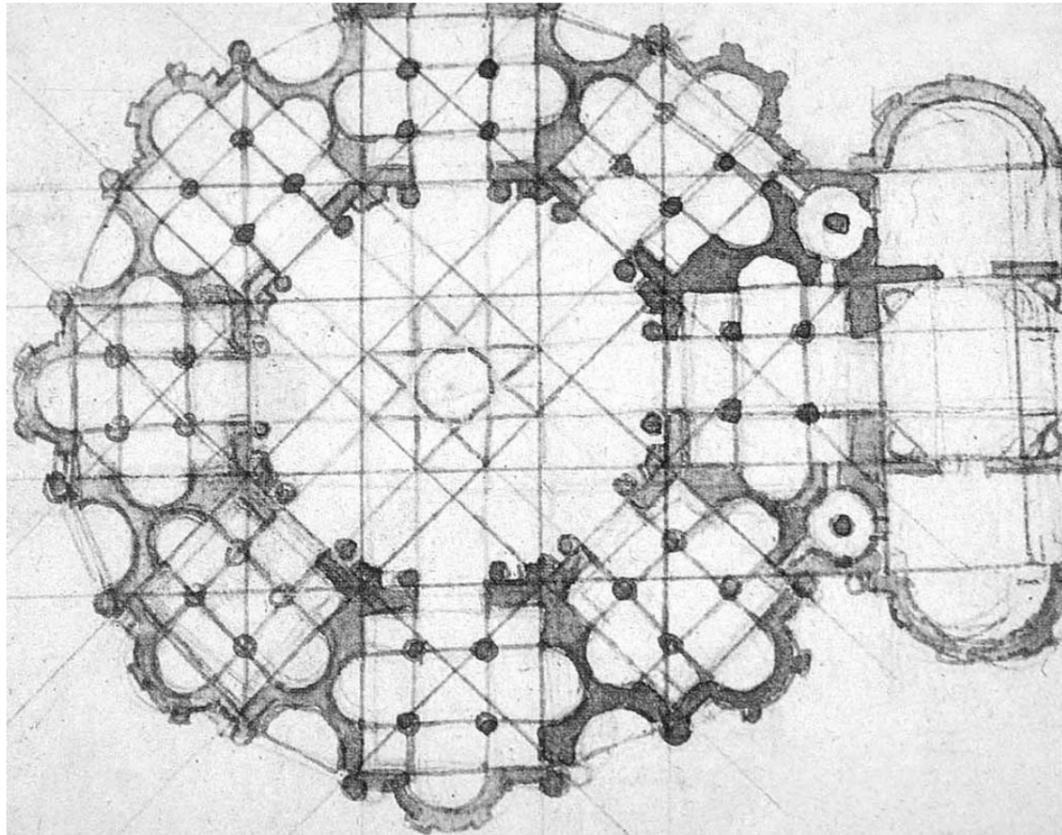


Figura 09: Planta baixa de uma igreja. Leonardo da Vinci, mostrando a correspondência das absides como clareiras dentro de clareiras. Fonte: http://rubens.anu.edu.au/raid2/no_dgb/pics/15/large/011_035.jpg

A clareira além de ser um espaço de domesticação, inibidor, em Nietzsche a cidade assume a ideia do lugar da terrível experimentação de criações e modelagens dos seres humanos e de uma prática de seleção. Sloterdijk identifica em Nietzsche uma antiga denúncia de um certo projeto de criação e manipulação de seres humanos, e também o vislumbre de um projeto oposto. Não é o projeto da criação de seres pequenos em massa, o que Nietzsche deslumbra, “mas o seu oposto o projeto de cria-lo para ser grande; à produção em série dos últimos homens (o super homem), a construção da ponte para além-do-homem. Este é o sentido, em Nietzsche, de uma superação do humanismo”¹⁸. Para Sloterdijk a clareira é também uma incubadora, uma estufa onde acontecem esses experimentos.

Desde a perspectiva de Zarathustra, Sloterdijk mostra que os homens da atualidade são criadores bem sucedidos que conseguiram fazer do homem selvagem o último homem. É óbvio que tal feito não poderia ser realizado só com métodos humanistas de domesticação, adestramento e educação. A tese do ser humano como criador de seres faz explodir o horizonte humanista, já que o humanismo não pode nem deve jamais considerar questões que ultrapassem essa domesticação e educação. O humanista

17 Op. cit.; p. 38

18 Marques, Jose Oscar. Sobre as regras do Parque humano de Sloterdijk. Em *Natureza Humana*. Revista Internacional de Filosofia e Práticas psicoterápicas. São Paulo. PUC, Vol. IV, n.2. p.8.

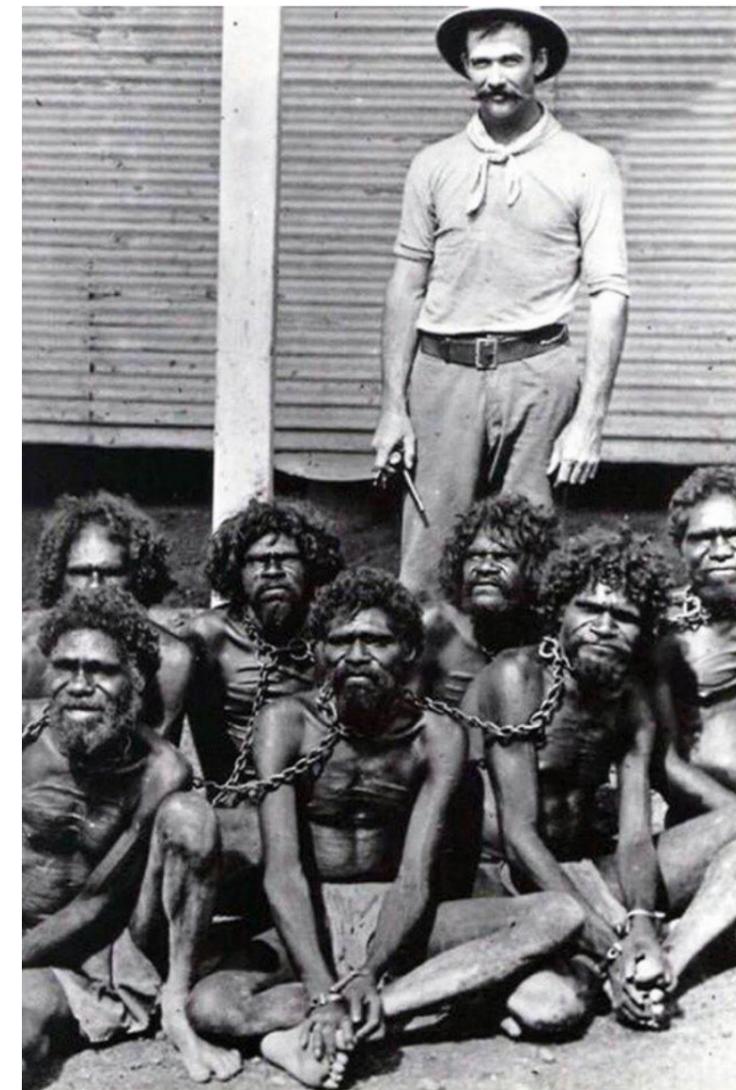


Figura 09: Até os anos 60, os nativos australianos que viviam da flora e da fauna não eram classificados como humanos. <https://images.app.goo.gl/eRRDhi1nCFbvNhzQA>

assume o homem como dado, um objeto, um subtel em termos heideggerianos, e de antemão aplica-lhe seus métodos de domesticação, treinamento e formação convencido que está das conexões necessárias entre *ler, estar sentado e acalmar*¹⁹.

Hoje, diríamos então que uma das formas de contenção e adestramento opera-se mediante estar na frente de um computador ou ter nas mãos um celular; estar sentado ou em pé não importa desde que esteja absorvido pelo aparelho que esteja possuído obcecado pelo aparelho. Esse mesmo tema da contenção da energia aparecera esplendidamente em *A laranja mecânica* no filme de Stanley Kubrick, baseado no livro de mesmo nome de Anthony Burgess, e todas as forças de domesticar a selvageria do jovem Alex, personagem principal do filme.

De qualquer forma precisamos questionar ainda se o humanismo teria sobrevivido sem inventar e castigar a figura do selvagem, isolando-o enquanto espécime, seja ele na figura do nobre selvagem de Rousseau, ou do famoso canibal Sexta feira de Daniel Defoe, ou mesmo ainda no abandono dos moradores de rua; tudo muito similar ao que a igreja católica fazia inventando bruxas, castigando-as, domesticando-as, fazendo-as se arrependem ou de preferência queimando-as na fogueira.

19 Op. cit.; p. 39.



Figura 10: Fotograma do filme A laranja Mecânica escrita por Anthony Burgess e reproduzida nos cinemas por Stanley Kubrick, conta a história do adolescente Alex, que representa três características centrais do ser humano, desejo sexual, violência e anseio pela liderança; e as tentativas de domesticar a violência humana por parte da justiça. Fonte: <https://alemdoroteiro.com/2018/07/05/laranja-mecanica-o-protagonista-como-ferramenta-do-tema/>.

Sloterdijk mostra que,

Nietzsche, por outro lado que leu com atenção Darwin e São Paulo, julga perceber, atrás do horizonte da domesticação escolar dos homens, um segundo horizonte, este mais sombrio ainda. Nietzsche fareja um espaço no qual lutas inevitáveis começarão a travar-se sobre o direcionamento da criação de seres humanos – e é nesse espaço que se mostra a outra face, a face velada da clareira²⁰.

Quando Zaratrusta atravessa a cidade na qual tudo ficou menor, ele se apercebe do resultado de uma política de criação até então prospera e indiscutível: os homens conseguiram –assim lhe parece com a ajuda de uma hábil combinação de *ética e genética*, criar-se a si mesmos para serem menores. Eles próprio se submeteram a domesticação e puseram em prática em si mesmos uma seleção direcionada para produzir uma sociabilidade a maneira de animais domésticos. Dessa percepção se origina a peculiar crítica ao humanismo de Zaratrusta, como rejeição da falsa de inocuidade da qual se cerca o bom ser humano moderno²¹.

Nietzsche, com sua desconfiança contra toda cultura humanista, insiste em arejar o mistério da domesticação do gênero humano e nomeia explicitamente os que até agora detêm o monopólio de criação -os padres e os professores, que se apresentam como os amigos dos homens, e quer trazer a luz sua função oculta, desencadeando uma disputa inovadora, no âmbito da história mundial, entre os diferentes criadores e os diferentes projetos de criação. Esse é o conflito fundamental que Nietzsche postula para todo o futuro: a luta entre os que criam o ser humano para ser pequeno e os que criam para ser grande²².

20 Op. cit.; p. 40.

21 Op. cit.; p. 40.

22 Op. cit.; p. 40. Sloterdijk esclarece que o emblema da criação do super homem nas reflexões de Nietzsche como o sonho e uma rápida desinibição ou de uma evasão para a bestialidade como julgaram nos anos 30 os maus leitores dele calçados de botas. Nietzsche ao falar do super homem tem em mente uma era muito além da atual. Ele toma como medida os remotos processos milenários pelos quais, gra-

Para Sloterdijk, e aí talvez um dos cerne do *Regras para o Parque Humano*, “o discurso sobre a diferença e a relação entre domesticação e criação, e qualquer referência a aurora de uma consciência quanto a produção de seres humanos e ou de antropotécnicas, são processos dos quais o pensamento atual não pode desviar os olhos”²³. Os arquitetos e urbanistas e todos que lidam com a cidade devem também estar atentos que ao papel fundamental que a arquitetura desempenha na domesticação humana, na construção do parque humano; não podemos desviar nossos olhos achando que qualquer processo da arquitetura é um processo inócuo.

“Reconhecer que a domesticação do ser humano é o grande impensado (o acontecimento) do qual o humanismo desde a antiguidade até o presente desviou os olhos é o bastante para afundarmos em águas profundas”²⁴, diz Sloterdijk, reiterando que a domesticação do ser humano não poderia ter sido alcançada só com o alfabeto, “certamente a leitura (*lesen*) teve um imenso poder na formação humana e em dimensões atuais continua tendo; a seleção (*auslesen*) seja como tenha acontecido sempre funcionou como a eminência parda por trás do poder. Lições e seleções tem mais a ver entre si do que qualquer historiador da cultura quis ou pode levar em conta”²⁵.

Da mesma maneira que a revolução tecnológica hoje, a revolução da informática, torna obsoleto tudo e todos a cada cinco-dez anos provocando uma seleção e ruptura no mercado de trabalho, assim como na formação desses profissionais; a própria cultura da escrita, explica Sloterdijk, “que produziu a alfabetização universal produziu fortes efeitos seletivo: ela fraturou profundamente as sociedades que a hospedavam e cavou entre as pessoas letradas e iletradas um fosso cuja intransponibilidade alcançou quase a rigidez de uma diferença de espécie”²⁶. Esse processo de seleção para Sloterdijk é um passo para a tese de que todos os homens são animais dos quais alguns dirigem a criação de seus semelhantes enquanto que os outros são criados, criados, serviços; um pensamento que data de Platão sobre a educação e o Estado e a escravidão e continua fazendo parte do folclore pastoral dos europeus, até os dias de hoje.

Esse processo ficou muito claro com a colonização das Américas, e as missões jesuíticas, e ou as considerações entre primeiro mundo e terceiro mundo; ou ainda as considerações entre o trabalho para os estrangeiros, e o trabalho escravo. “Algo semelhante ecoa na afirmação de Nietzsche antes citada de que dentre os homens nas pequenas casas, alguns poucos querem, quanto a maioria, outros querem por eles. Que outros queiram por eles significa que eles existem apenas como objetos, e não como sujeitos de ação”²⁷.

Concluindo a trajetória, *Regras para o Parque Humano* chega a Platão, e é nessa seção que as questões mais candentes sobre a criação dos seres humanos são colocadas, expostas, possivelmente porque o diálogo platônico as levanta com uma

ças a um íntimo entrelaçamento de criação, domesticação e educação, a produção de seres humanos foi até agora compreendida, um empreendimento, é verdade, que soube manter-se em grande parte invisível e que sob a máscara da escola, visava ao projeto da domesticação. É provável que Nietzsche tenha ido longe demais ao propalar a sugestão de que a transformação do homem em animal doméstico foi o trabalho premeditado de uma associação pastoril de criadores, isto é de um projeto do clero, do instituto paulino que fareja tudo o que no homem poderia resultar em voluntariedade e autonomia e contra o qual faz uso de métodos de apartação e mutilação (p. 42).

23 Op. cit.; p. 42.

24 Op. cit.; p. 43.

25 Op. cit.; p. 43.

26 Op. cit.; p. 44.

27 Op. cit.; p. 44.

creza e objetividade que se tornaram impensáveis em filósofos posteriores. De longa discussão, diz Sloterdijk:

Retenho aqui apenas a metáfora da tecetura: Platão, ao final do Político, afirma que a sociedade deve ser constituída pela sábia combinação das naturezas bravias com as naturezas reflexivas, moderadas; e, se qualquer uma dessas dominar a sociedade, esta estará em risco de destruição, pois as naturezas bravias irão procurar a guerra inconsequentemente, e a porção pacífica, reflexiva, irá evitar ao máximo qualquer conflito, subordinando-se a todas as exigências, até ser destruída. Não é possível obter uma constituição social só com um desses grupos, mas é preciso que eles se combinem a maneira da trama e da urdidura, a trama com material mais suave e flexível, e a urdidura com um material mais duro e resistente²⁸.

Para Sloterdijk o projeto de Platão cria um desassossego intelectual no parque humano que nunca mais pode ser completamente apaziguado. Desde,

O político e desde a republica correm pelo mundo discursos que falam da comunidade humana como um parque temático; a partir de então, a manutenção dos seres humanos em parques ou cidades surge como uma tarefa zoopolítica. O que pode parecer um pensamento sobre a política é, na verdade, uma reflexão basilar sobre regras para a administração de parques humanos. Se há uma dignidade do ser humano que merece ser trazida ao discurso de forma conscientemente filosóficas, isso se deve sobre tudo ao fato de que as pessoas não apenas são mantidas nos parques temáticos políticos, mas porque se mantem lá por si mesmas. Homens são seres que cuidam de si mesmos, que guardam a si mesmos, que – onde quer que vivam – geram ao seu redor um ambiente de parque. Seja em parques municipais, estaduais, nacionais, ecológicos- por toda parte os homens tem de decidir como deve ser regulada sua automanutenção²⁹.

Essa questão parece muito atual quando nos confrontamos com a realidade do totalitarismo do Império americano, e das forças fascistas operadas pela supremacia branca que violam a soberania dos países mais fracos, afim de torná-los eternamente colonias.

No que concerne agora ao jardim zoológico platônico e suas novas instalações, trata-se acima de tudo de verificar se entre a população e a administração existe uma diferença apenas de grau, ou uma diferença de espécie. Na primeira hipótese, a distância entre os guardiães de homens e seus protegidos seria só acidental e pragmática, e poder-se-ia então adjudicar ao rebanho a faculdade de eleger periodicamente seus pastores. Se existir, porém, uma diferença de espécie entre dirigentes e simples moradores do zoológico, então eles seriam tão fundamentalmente distintos uns dos outros que não seria aconselhável que a administração fosse eleita, mas sim que se baseasse na sabedoria. Só os falsos diretores

de zoológicos, os pseudo-estadistas e os sofistas políticos fariam campanha argumentando que são do mesmo tipo que o rebanho, ao passo que o verdadeiro criador se apoiaria na diferença e daria a entender discretamente que ele, porque age com base na sabedoria, está mais próximo dos deuses que os confusos seres vivos que toma conta.³⁰



Figura 11: Fotograma do filme O urso branco (2013). Serie Black Mirror. Escrito por Charlie Brooker, o mesmo criador da série. O filme retrata uma espécie de mistura de parque humano, sociedade do espetáculo e as novas formas imagináveis de punição. Disponível em: <https://www.oughttobecrowns.com/2016/12/>.

A guisa de conclusão desse ensaio remeto a seguinte passagem do prof. Rufino Becker, ao relacionar desmatamento e clareiras:

As queimadas visam abrir clareiras na floresta *escura*, transformar o selvagem em civilizado, subjugando mais uma área da selva ao sistema econômico humano, um ato de domesticação, a civilização do selvagem, estas novas clareiras nascem nas cadeiras das clareiras urbanas, ali crescerão plantas domesticadas até aos seus profundos genes, e se envenenarão todas as ervas e insetos classificados daninhos, ou ali se plantarão gramíneas que alimentarão vacas domesticadas.³¹



Figura 12: Desmatamento na Amazonia. Desmatamento para cultivo de soja no Mato Grosso: arco formado entre o estado, Pará e Amazonas é a região com maior perda de árvores de fevereiro de 2019. Foto: Paulo Whitaker. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/desmatamento-desacelera-mas-amazonia-ainda-perde-93-km-em-fevereiro-23550180>.

28 Op. cit.; p. 44.

29 Op., cit.; p.49.

30 Op. cit.; p.49-50.

31 Esta citação do prof. Rufino Becker foi inserida, em tempo para o fechamento do ensaio em 05/09/2019, ante a questão do desmatamento no governo do presidente Bolsonaro.

Referências bibliográficas

BRAGA, Enilton. *A clareira da casa Pátio*. Dissertação. Programa de Pesquisa e pós Graduação em, Arquitetura. UFRGS. 2017.

DERRIDA, Jaques. *O animal que logo sou*. São Paulo. Editora UNESP. 2002.

DERRIDA, Jaques. *Seminario la bestia y el soberano. Volumen I*. (2001-2002). Buenos Aires. Bordes Manantial. 2011.

DERRIDA, Jaques. *Seminario la bestia y el soberano. Volumen II* (2002-2003). Buenos Aires. Bordes Manantial. 2011.

DERRIDA, Jaques; Cixous, Hélène. *Voiles*. Paris. Galilée.1998

ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador I e II*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1990

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: história da violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1977.

FUÃO, Fernando. *Luzes na cidade, notas sobre o ensaio "O que são essas luzes" de Rodrigo Lages e Silva*. <https://fernandofuao.blogspot.com/2013/02/luzes-na-cidade-notas-sobre-o-ensaio.html>

FUÃO, Fernando. *Construir, morar, pensar; uma releitura de Construir, habitar, pensar (bauen, wohnen, denken) de Martin Heidegger*. <http://periodicos.unb.br/index.php/esteticaesemiotica/article/view/19597/0>

FUÃO, Fernando. *A cidade pestilenta*. Em: <https://fernandofuao.blogspot.com/2019/01/a-cidade-pestilenta.html>

HADOT, Pierre. *O véu de Ísis: ensaio sobre a história da ideia de natureza*. São Paulo: Loyola, 2006.

HEIDEGGER, Martin. *Poéticamente habita el hombre*. Em: https://archive.org/stream/HEIDEGGERPoeticamenteHabitaElHombre/HEIDEGGER%20-%20Po%C3%A9ticamente%20habita%20el%20hombre_djvu.txt

HEIDEGGER, Martin. *El cielo y la tierra de Hölderlin*. Traducción de José María Valverde, en Interpretaciones de la poesía de Hölderlin, Barcelona, Ariel, 1983, pp. 163-192. Disponível em: <http://www.mercaba.org/SANLUIS/Filosofia/autores/Contempor%C3%A1nea/Heidegger/EL%20CIELO%20Y%20LA%20TIERRA%20DE%20H%C3%96LDERLIN.doc>.

INGOLD, Tim. *Estar Vivo, ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Editora Vozes. Petropolis, 2011.

MARQUES, Jose Oscar. *Sobre as regras do Parque humano de Sloterdijk*. Em Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Praticas psicoterápicas. São Paulo. PUC, Vol. IV, n.2.

SLOTTERDIJK, Peter. *Regras para o Parque Humano*. São Paulo. Estação Liberdade. 2000

SLOTTERDIJK, Peter. *Esferas 1*. Barcelona: Siruela, 2003

SLOTTERDIJK, Peter. *Esferas 2*. Barcelona: Siruela, 2004

SLOTTERDIJK, Peter. *Esferas 3*. Barcelona: Siruela, 2006

SLOTTERDIJK, Peter. *Sin salvación, tras las huellas de Heidegger*. Madrid. Akal. 2011

ZERZAN, John. *Futuro primitivo*.1994. <https://docplayer.com.br/13733084-Futuro-primitivo-john-zerzan.html> Referências bibliográficas